

PABLO VITTAR E O PAPEL DE ARTISTAS TRANS NA (DES)CONSTRUÇÕES E DESTERRITORIALIZAÇÃO DE IDENTIDADES DE GÊNEROS DESVIANTES PARA ALÉM DAS REDES SOCIAIS.

Verônica Reis

Universidade Federal da Bahia, vellreis@gmail.com

Resumo

Existe no Brasil uma demarcação com um viés territorial do espaço cedido a indivíduos considerados de gênero desviantes para transitarem em meio à sociedade. Esta demarcação exerce um poder normatizador e regulador ainda que subjetivo ou simbólico sobre a vida destes seres sociais, geralmente pondo-os em todas as zonas sociais marginais possíveis. Esta força está fundamentada em aspectos heteronormativos e coloniais da sociedade brasileira, desta forma, manipulam as instituições imaginárias para aceitarem aquilo que lhes convém, enquanto patriarcado. Entretanto, apesar destes esforços, é possível observar uma mudança na forma como estes indivíduos desviantes vem se apresentando perante a sociedade, muitas vezes utilizando espaços alternativos como a internet, e se valendo da cultura e da arte como forma de luta e questionamentos de suas demandas, buscando desterritorializar não apenas conceitos, mas o próprio lugar de margem que lhes foi imposto pela sociedade. Dentre estes sujeitos, é possível destacar um nome, Pablllo Vittar. Uma cantora e *drag queen* brasileira, que é atualmente a *drag* com o maior número de seguidores no mundo inteiro na rede social *instagram*, e que vem revolucionando a maneira como travestis, transexuais e *drag queens* são interpretadas pela sociedade e pelo mercado da Indústria Cultural. Partindo de uma análise dos perfis em redes sociais de Pablllo Vittar, o intento deste trabalho, ainda embrionário, é compreender como as identidades de gênero são interpretadas nas redes sociais, e qual o papel de artistas com identidades/expressões não cisgêneras nas (des)construções indenitárias para além das telas dos *smartphones*, *tablets* e computadores.

Palavras-chave: Desterritorialização, *Drag queen*, Pablllo Vittar, Redes Sociais, Identidades Desviantes

INTRODUÇÃO

Desde meados de 2015 tornou-se evidente o crescimento e a popularidade de artistas assumidamente *trans* (transexual/travesti) no Brasil. Esta mudança pode ser atribuída, inicialmente, a uma incessante luta dos coletivos Trans e LGBTTQ'S na busca de reconhecimento, igualdade e segurança (física e simbólica) perante os diversos setores da sociedade. Para além do embate e ativismo, é possível sinalizar também o espaço recém encontrado – não sem resistência, vale ressaltar - por estes grupos/artistas no território das redes sociais.

Desta forma, a importância desta pesquisa não resvala apenas na identificação de sujeitos de identidade/expressões de gêneros consideradas desviantes e os números alavancados por estes nas redes sociais, mas, está imbricada diretamente com as influências

que estes sujeitos vêm exercendo para além das telas dos *smartphones*, computadores e *tablets* na busca das minorias sociais por um lugar de fala que não seja e nem esteja à margem.

A escolha de Pablllo Vittar se dá não apenas pelo sucesso de suas canções, ou pela marca atingida de *drag queen* com o maior número de seguidores na rede social *instagram* no mundo, mas, por tudo que perpassa a construção indenitária e estética da figura icônica Pablllo Vittar, e que está diretamente atrelada com a forma que este artista deseja ser interpretado pelo público. Apesar de carregar todas as características femininas, equivalentes a qualquer “diva do mundo pop” de sucesso em seus *vídeos clipes*, Pablllo não esconde de seus seguidores que faz uso de acessórios, tais como perucas, cílios postiços, etc. para agregar ao visual aspectos que deixariam “o personagem” mais feminino.

Fora dos holofotes, porém ainda inserido no contexto das redes sociais, Pablllo aparece de cabelos curtos, sem maquiagem, mas com shorts e blusas que são lidos como peças pertencentes ao guarda-roupa feminino, e que são também parte da construção da sua identidade homossexual.

O fato de que uma artista como Pablllo possui em apenas uma rede social mais de seis milhões e setecentos mil seguidores¹ é o indicativo de que há uma mudança em curso na sociedade, e que não só está acontecendo bem debaixo dos olhos da “família tradicional brasileira”, como também é muito possivelmente irreversível.

A internet tem sido um território, ainda que intangível, real, para que sujeitos marginalizados encontrem um local seguro (apesar dos famosos *haters*) para exporem suas expressões de gênero o mais livremente possível, sem censura e/ou restrições.

É importante destacar, nesta existência (e resistência) digital três pontos: a visibilidade desses indivíduos enquanto atores sociais não marginalizados; a possibilidade de divulgação de seus trabalhos e o diálogo com públicos distintos, inclusive ampliando o alcance do seu discurso, e o poder simbólico que estas redes vêm conferido a sujeitos *trans* perante uma sociedade ainda androcentrica, baseada no patriarcado e altamente heteronormativa não pode ser rejeitado.

Desta forma, o intento deste trabalho é compreender como as identidades de gênero são interpretadas nas redes sociais e o papel de artistas *trans* nas (des)construções para além das telas dos *smartphones*, *tablets* e computadores.

¹ Número de seguidores indicado no perfil da artista em 05 de março de 2018.

Constatado isto, os objetivos desta pesquisa versam compreender qual o papel destes sujeitos não cisgêneros nas (des)construções indenitárias que ocorrem para além das telas e resvalam no mundo real. Além de identificar como se (des)normatizam e se (des)regulam os sujeitos, através da música, da arte e da cultura. Busca-se também compreender como estes mesmos sujeitos que encontram voz através das redes sociais para se comunicar com os demais âmbitos sociais, constroem para além de uma carreira artística, uma posição política considerada influente no tocante às demandas sociais.

Este trabalho busca apontar também quais são as contribuições que estes sujeitos estão fornecendo através da arte, da cultura e das mídias sociais digitais para a não naturalização da violência física e simbólica contra indivíduos dissidentes, além de identificar em que consiste a construção estética destes sujeitos e o que há nos bastidores destas construções.

METODOLOGIA

Compreender o papel social destes sujeitos vai além de apenas indicar em quais âmbitos sociais suas influências alcançam de maneira real o corpo social como comunidade, visto que o alcance dessas vozes se dá não apenas no âmbito cultural através da música e arte que produzem, mas resvalam em questões politicamente mais sensíveis, como a questão de homotransfobia, e da violência simbólica e não simbólica praticada diariamente no país contra essas minorias.

Pablo Vitar é um ícone, é assim como Linn da Quebrada e Liniker um divisor de águas na Indústria Cultural e no espaço social que foi durante séculos ocupado pela cisgeneridade, pelo patriarcado, pelo androcentrismo e pelo binarismo de gênero. E é sobre isto que se intenta falar neste trabalho.

Para esta pesquisa, define-se como design, a pesquisa qualitativa, pois o objetivo central é “explorar e compreender o significado que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano” (Creswell, 2009), sendo considerada como problema social, a ainda perpetuação de estereótipos negativos, no que diz respeito às representações de indivíduos de identidades de gênero/orientações sexuais consideradas desviantes.

A pesquisa qualitativa se dará através da identificação do papel que sujeitos como Pablo Vitar desempenham na desterritorialização da estética binária dos gêneros em redes sociais digitais, já que a marginalização destas minorias é considerada tanto em um problema social como em um problema humano.

Em relação a tipologia, a melhor estratégia é utilizar o estudo de caso, já que o que se intenta analisar são as influências exercidas por um sujeito na ruptura de paradigmas sociais. A visão filosófica estará fundamentada no construtivismo social, pois para o desenvolvimento do projeto se fará necessário um levantamento sobre a construção da imagem e do conceito da *drag queen* e também do homossexual na sociedade brasileira ao longo dos anos, bem como um aprofundamento do papel das mídias sociais digitais no fornecimento de um lugar de fala para estes sujeitos, longe dos estereótipos, da censura, do preconceito e da homotransfobia.

Vale ressaltar também a necessidade de compreensão do atual momento histórico do país no que tange a minorias sociais, principalmente no que diz respeito às questões de gênero, num recorte que abrange pelo menos os últimos três anos, e para isto, a visão filosófica mais adequada é o construtivismo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente se faz necessário apontar os aspectos responsáveis pelas interações destes indivíduos através das redes sociais, como: instagam, facebook e youtube, já que é sabido que para muitos destes artistas a expectativa de existência - no sentido de ser conhecido e reconhecido pela sociedade - só foi possível através da internet, e dos desdobramentos advindos do seu adensamento social.

No tocante aos resultados esperados, como já pontuado, é possível afirmar que há uma transformação em andamento, almeja-se então, indicar quais os possíveis caminhos que esta transformação irá tomar, e quais são as influências e definições a longo prazo que esta ruptura irá causar não somente nas redes sociais, mas na sociedade brasileira como corpo social. Poderão essas vozes continuarem a se comunicar, a dialogar e a se posicionar sem que haja por parte da parcela conservadora da sociedade um revanchismo?

Desta forma a discussão gira em torno do quão influente serão estes artistas, que embora tenham sido apropriados pela Indústria Cultural, estão cada vez mais cientes de seu papel político para com a sociedade, e da importância desse posicionamento para tantos outros que ainda se encontram marginalizados.

A questão não é permanecer marginal, mas participar de todas as redes de zonas marginais geradas a partir de outros centros disciplinares (...) A complexidade do conceito de gênero exige um conjunto interdisciplinar e pós-disciplinar de discursos, com vistas a resistir a domesticação acadêmica dos estudos sobre gênero (...) (BUTLER, p.13, 2016)

Butler (2016) elucida, que em relação aos sujeitos desviantes, as regras existenciais são ainda mais rígidas. O estabelecimento destas regras, apesar de não ser algo tangível no sentido da

concretização física, exerce um poder totalmente real e firme sobre a sociedade, e ainda maior sobre a vida destes sujeitos. A autora pontua ainda que

As noções jurídicas de poder parecem regular a vida política (de sujeitos considerados desviantes) em termos puramente negativos – isto é, por meio da limitação, proibição, regulamentação, controle e mesmo “proteção” dos indivíduos relacionados àquela estrutura política, mediante uma ação contingente e retratável de escolha. (BUTLER, p. 18-19, 2016)

Mas, em que a rigidez destas regras implica na territorialização e desterritorialização destes sujeitos? É sabido que o conceito de desterritorialização começou a tomar forma e ganhar forças por volta dos anos 90. Neste sentido, é possível identificar três vertentes de interpretação desse conceito que são associadas a três dimensões sociais, conforme elucida Haesbaert (2011). São estas dimensões: a cultural ou simbólica, a política e a econômica.

Neste artigo será trabalhada a dimensão de matriz cultural, que envolve não só as questões de gênero enquanto construções de identidades sociais, mas que é também utilizada por sujeitos marginalizados, como ferramenta em suas lutas e em seus questionamentos para com toda a organização social em relação ao espaço que lhes é cedido para existir perante a sociedade.

Tanto a dissolução de elo entre territórios no sentido físico e geográfico quanto a dissolução de uma identidade cultural que era até pouco tempo atrás entendida como única e imutável, contribuíram para o raiar de um novo entendimento dos territórios simbólicos que viriam a ser impostos e então questionados aos sujeitos de dissidências sexuais e de gênero.

Nas palavras de Haesbaert “devemos antes de tudo pensar a territorialização e a desterritorialização como processo concomitantes, fundamentais para compreender as práticas humanas.” (HAESBAERT, p. 101, 2004). Através da compreensão deste processo, é possível pensar em quais pontos as práticas culturais da sociedade brasileira influenciaram em uma mudança no comportamento das minorias sociais mediante a abjetificação, ou ainda, em quais instâncias foram apropriadas como ferramenta para os questionamentos das demandas identificadas ao longo dos anos por estes “sujeitos abjetos”.

Entendendo que o território social, assim como as redes sociais digitais, são compostos por pessoas reais, ainda que seja um território simbólico, e são estas pessoas que fazem deste espaço, bem como do território geográfico um local adverso para pessoas de dissidências sexuais e de gênero transitarem, perpassando inclusive por todas as questões de violência física que se tem ciência, atingem diariamente o coletivo LGBTTTQ, indaga-se: para onde estes indivíduos intentam ir, qual lugar buscam para si em meio a uma sociedade ainda androcêntrica e conseqüentemente homofóbica?

A necessidade de desterritorialização observada pela perspectiva dos indivíduos dissidentes leva a pensar nas demandas imbricadas por trás da necessidade de deixar a margem, na resistência à violência física e simbólica a qual esses sujeitos são submetidos diariamente, e contra as quais buscam subsistir através de um novo espaço social, físico e também simbólico.

Estes sujeitos não se contentam mais com a margem, não absorvem mais a informação advinda das classes mais favorecidas e patriarcais da população – a tão conhecida “família tradicional brasileira” – de que são marginais, e como marginais devem viver. Os indivíduos dissidentes já compreendem que não são marginais, na verdade foram marginalizados, ainda o são, e não o querem mais ser. Esta busca por sair deste território inóspito – que apesar de habitado por outros, iguais a este indivíduo de que falamos, acaba por se tornar desértico frente a dificuldades impostas pela vivência e experiência da periferia como única possibilidade de existência – é justamente o entendimento social por parte deste sujeito de que o sol é para todos.

A ORDEM COMPULSÓRIA DA TERRITORIALIZAÇÃO DA SEXUALIDADE

Segundo Butler (2016), gênero é um conceito construído a partir das influências culturais do sujeito. Desta forma, é possível definir gênero como “significados culturais assumidos por um corpo sexuado” (BUTLER, p. 26, 2016). Evoca-se Butler no intuito de elucidar como se deu esta construção social binária que relaciona sexo com gênero em todas instâncias, entendendo-os como conceitos indissociáveis, o que, sabe-se, não é verdade. A territorialização então, tem seu início desde a conceituação do sujeito social não-binário, até a delimitação do lugar que este deve ocupar na sociedade, lugar este que não está entre os indivíduos normatizados e regulamentados pelas instituições imaginárias.

É de ciência da autora que o conceito de territorialização evocada por Haesbaert, (2011) bem como a desterritorialização, está mais imbricado com a matriz econômica, e não com a matriz cultural, ou ainda com questões ligadas a gênero. Haesbaert alerta para uma análise sistemática dos três conceitos de formas separadas, muito embora eles estejam interligados entre si em muitos momentos históricos, com predominância das matrizes política e econômica.

Analisando os perfis nas redes sociais digitais instagram, facebook e no canal do youtube, é possível observar que Pablo Vittar como artista foi apropriado pela Indústria Cultural, desta forma reverberando para além das questões culturais, chegando até as questões

econômicas, já que sua produção cultural, além de alimentar números de *likes*, seguidores e *views*, possui também uma agenda para além do mundo digital, de shows, presenças *VIPS*, e participação em comerciais publicitários.

Há ciência de que Haesbaert (2011) não aborda questões de gênero, mas adentra nas questões culturais, inclusive indo do fim dos territórios (físicos e principalmente simbólicos) à multiterritorialidade. Desta forma, busca-se falar da territorialização para caracterizar como se deu esta determinação de marginalizar os sujeitos dissidentes com base em suas identidades de gênero e/ou em suas orientações sexuais, para mais adiante adentrar no processo de desterritorialização da sexualidade.

É perceptível que este processo vem ganhado força nos últimos dez anos, influenciado não somente pela matriz cultural relacionada a multiterritorialidade, mas também pelas matrizes política e econômica, que foram fundamentais para fornecer um lugar de fala a estes indivíduos de forma a serem ouvidos por todos os âmbitos da sociedade. Nestas esferas sociais, é possível incluir não somente os três poderes, mas também instituições religiosas, acadêmicas, e instâncias econômicas (de acordo com pesquisas recentes o público LGBTTT tem grande participação em vários segmentos de mercado, como o mercado de cosméticos e turismo por exemplo).

A importância do pensamento de Haesbaert (2011) no entendimento do conceito de desterritorialização que sabe-se ter sido construído por Deleuze e Guattari (1972), não pode ser ignorada quando pensada a determinação compulsória de um território que sirva a esses indivíduos (desviantes), mas que não esteja no mesmo espaço destinado ao restante da sociedade (daí a ideia de margem).

É uma construção que data de muitos séculos atrás. Ocorre desde o entendimento da homossexualidade, transexualidade e lesbianidade como uma patologia, caracterizada como um desvio da sexualidade humana (baseada apenas em conceitos binários de sexo e de gênero), até a condenação da Igreja de práticas homossexuais ou homoafetivas como pecado mortal. Esta determinação se perpetuou ao longo da história da humanidade de tal forma que ainda nos dias atuais este entendimento - ainda que questionado - pode ser considerado como um conceito e uma representação sólida do imaginário coletivo.

No tocante à construção cultural do que viria a ser gênero, Butler questiona

Quando teóricas feministas afirmam que gênero é uma interpretação cultural do sexo, ou que o gênero é construído culturalmente, qual é o modo ou mecanismo dessa construção? Se o gênero é construído, poderia sê-lo diferentemente, ou sua característica de construção implica alguma forma de determinismo social? (BUTLER, p. 28, 2016)

Pensando nestas inquirições pode-se afirmar que a construção social e cultural do conceito e da ideia de gênero, não só implica em uma forma de determinismo social no quesito existir, mas também implica onde estes sujeitos podem e devem existir. Tomando esta determinação como produto da sociedade e conseqüentemente das práticas culturais, entende-se o processo de desterritorialização de sujeitos dissidentes como algo “ligado, acima de tudo, à disseminação de uma hibridização de culturas, dissolvendo os elos entre um determinado território e uma identidade cultural correspondente.” (HAESBAERT, p. 26, 2004).

Esta disseminação, tornou-se possível graças ao adensamento das redes sociais digitais, que promoveu uma certa planificação do mundo através do acesso à informação em tempo real. O resultado deste adensamento influencia diretamente na hibridização cultural, tornando algo inevitável e incontrolável para muitas sociedades. Sendo o Brasil, considerado um dos países mais conectados do mundo, com mais de 60%² da sua população dispõe de acesso à internet, dispõe de uma a força neste meio de comunicação que oferece a vários sujeitos a possibilidade de existirem e se colocarem em locais que não eram imagináveis há pouco tempo. Daí a importância e influência das redes sociais nesta mudança de território para essas vozes.

CONCLUSÕES

É possível constatar, através da observação e análise dos perfis e interações gerados nas redes sociais digitais de artistas trans, como é o caso de Pablio Vittar, que estes sujeitos não se contentam mais com a margem. Esta busca por sair deste território inóspito - que apesar de habitado por outros, iguais a este indivíduo de que falamos, acaba por se tornar desértico frente a dificuldades impostas pela vivência e experiência da periferia como única possibilidade de existência - é justamente o entendimento social por parte deste sujeito de que o sol é para todos.

As formas como estes sujeitos encontram um lugar de fala para questionarem a imposição de um lugar de resistência são diversas, mas uma das mais fortes é através da cultura. A hibridização de culturas fornece esta oportunidade de entender que não há uma cultura soberana, que será sólida durante todo o tempo e que jamais será sobrepujada, ou absorverá outras culturas; pelo contrário, esta noção de cultura bem como a própria cultura em si está em transformação todo o tempo.

² Dados disponíveis em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml> Acesso 05 mar. 2018

Há ainda, a possibilidade que a interculturalidade fornece, de um diálogo amistoso com diferentes elementos de culturas distintas ou ainda de uma mesma cultura, já que apesar de um único país, o Brasil é dotado de manifestações e práticas culturais das mais divergentes e variadas. É esta multiculturalidade que vem possibilitando a existência destas lutas, destes questionamentos, é o que possibilita que as demandas destes sujeitos sejam ouvidas.

Há então um pressuposto de que a cultura, através das redes sociais digitais, exerce este papel fundamental nas transformações dos espaços sociais, nesta desterritorialização, nesta “desmarginalização” destes sujeitos e de suas sexualidades que são entendidas enquanto desviantes.

E é esta transformação simbólica, que vêm ocorrendo nos territórios mentais destes sujeitos que irá promover a real desterritorialização e reterritorialização de um espaço que nunca deveria ter sido negado a estes indivíduos, e isto deve ocorrer, porque antes da definição de uma identidade de gênero ou de uma orientação sexual, estes indivíduos são seres sociais, inseridos desde o nascimento como parte fundamental na existência e transformação da sociedade.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade**. 11^o ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

_____. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11^a ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. São Paulo: Bertrand Brasil, 2004.

Creswell, John W. **Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches**. 3rd Edition. Los Angeles: Sage Publications, Inc., 2009.

HAESBAERT, Rogério. Território e desterritorialização em Deleuze e Guattari. In: **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

VERGUEIRO, Viviane. **Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial**. In: *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero*. Org. Suely Messeder, Mary Garcia Castro, Laura Moutinho, organização. – Salvador: Edufba, 2016. P 249-270